

Desilusões na clínica psicanalítica

Berta Hoffmann Azevedo, São Paulo

Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar, mas que fazia de mim um tripé estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui. Voltei a ter o que nunca tive: apenas as duas pernas. Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta.

CLARICE LISPECTOR, *A paixão segundo G.H.*

“Rebeca, tire o vestido, você não é mais noiva nenhuma.” Esse chiste condensa o amor freudiano pela verdade e sua coragem em assumir desilusões e extrair delas consequências fecundas. Remete a uma anedota judaica mencionada na Carta 69 de Freud a Fliess, quando ele, desiludido, precisou renunciar à sua teoria da sedução como etiologia das neuroses.

Com Dora e o Homem dos Lobos, Freud também encontrou especiais dificuldades clínicas que não só conduziram a formulações essenciais, como a de transferência, mas também se tornaram ponto de partida de pesquisas, que ele deixaria como legado. Como quem redige um testamento, em seus últimos escritos, o austríaco confiou a seus herdeiros intelectuais a tarefa de olhar para as lacunas e respostas incompletas.

O caminho da desilusão marcou também a trajetória de outros grandes nomes da psicanálise que ousaram se aventurar por territórios desconhecidos, ver hipóteses se esfatarem, e tentar tornar proveitosos os maus negócios – como bem recomendou Bion (1979).

Poderíamos arriscar sugerir que as desilusões são a verdadeira causa do movimento psicanalítico e, de forma mais ampla, de qualquer avanço científico. O saber só se move quando as respostas existentes não bastam, e quando essa insuficiência pode ser reconhecida.

A desilusão forma um par dialético com a ilusão, que Winnicott (1971/1975) identifica como responsável pela esperança na própria capacidade de criar as condições de que se precisa. A ilusão de onipotência, quando suficientemente vivida, sustenta as decepções graduais, sem perder a vitalidade para gerar novas ilusões, como uma chama que, apesar do vento, se recusa a apagar. Se no meio do caminho houver pedras, o desafio é não

sucumbir em desesperança, mas renovar o fôlego para corrigir a rota e investir novas veredas.

O título deste número, que inaugura a atual editoria da RBP, encontra sua inspiração no trabalho de André Green (2010), que, ao final da vida, reuniu uma série de experiências clínicas falhas, transformando-as em sementes de pesquisa, faróis para os psicanalistas que navegam por águas turvas de expectativas e frustrações – insucessos que, a posteriori, podem ser pontes possíveis de novos caminhos.

A escolha temática deste número reflete um projeto editorial que nomeamos “Sotaques: psicanálise como um saber situado”. Ele busca ressaltar que a psicanálise, longe de ser um saber imutável, se forma nas particularidades do tempo, do lugar e do contexto. Como bem ilustra a trajetória do seu movimento, ela se espalha por diferentes solos, ganha múltiplos sotaques e reflete a germinação da semente freudiana nos mais diversos *terroirs* em que floresce (Mezan, 2019). Cada cultura, etnia, classe e gênero imprime na prática psicanalítica ritmos e entonações próprias, revelando a diversidade das questões que emergem de cada contexto histórico-social.

Em última análise, quando alguém se dedica à prática psicanalítica, carrega consigo os vieses de sua época e meio, como marcas inevitáveis da história em que se inscreve, ao mesmo tempo que busca ultrapassá-los sempre que se tornam barreiras à escuta.

Donna Haraway (1995), bióloga e filósofa estadunidense, sintetiza uma tendência crescente nas ciências e na psicanálise contemporânea. Ao propor o conhecimento como situado, a autora desafia a ideia de objetividade pura que por muito tempo foi o pilar das ciências. Nessa perspectiva, o saber se torna corporificado: ele é localizado, parcial, mas ao mesmo tempo radicalmente imerso no todo.

A ideia de sotaques traz consigo um compromisso com a pluralidade, reconhecendo que não existe uma fala padrão, isenta de sotaque – uma fala de referência em relação à qual as outras seriam apenas “diferentes”, se não fosse pela localização do enunciador.

O projeto editorial que propomos se dedica a extrair da clínica aquilo que ainda não foi suficientemente elaborado, com a intenção de responder aos obstáculos que surgem no cotidiano do trabalho psicanalítico. Assim, valoriza uma psicanálise aberta, a ser desafiada e desconstruída em suas respostas, corajosa em abandonar terceiras pernas para seguir avançando, o que norteou a escolha temática do ano.

A seção “Diálogos”, que ora inauguramos, tem como propósito criar um espaço em que os colegas sejam tomados como autores dignos de reflexão e debate, tal como costumeiramente são os autores estrangeiros. Aqui, as ideias em psicanálise poderão ser discutidas em profundidade, considerando

múltiplos pontos de vista e as complexas nuances que permeiam nosso campo de estudo. O objetivo é fomentar uma troca enriquecedora, que amplie e aprofunde as perspectivas, respeitando a pluralidade e a diversidade que caracterizam o pensamento psicanalítico.

Na seção “Interface”, reservamos um espaço para que a temática de cada número tenha desdobramento interdisciplinar, de modo a oferecer a nossos leitores pontos de vista desenvolvidos por outras disciplinas que se dedicam ao assunto em pauta.

Desilusões na clínica psicanalítica convidou a comunidade de autores a elaborar um inventário de desilusões da prática psicanalítica, explorar as adversidades que permeiam nosso tempo e construir os futuros possíveis para as desilusões.

O resultado está nas páginas a seguir, que esperamos que mobilizem reflexão e interesse em nossos leitores.

Boa leitura!

Referências

- Bion, W. R. (1979). Como tornar proveitoso um mau negócio (O. Knijnik, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 13(4), 467-478.
- Green, A. (2010). *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*. Odile Jacob.
- Freud, S. (1986). 21 de setembro de 1897 [Carta 69]. In J. M. Masson (Ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)* (V. Ribeiro, Trad., pp. 265-268). Imago.
- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil (O Homem dos Lobos). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 13-160). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (2016). Análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 6, pp. 173-320). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41.
- (2023). *A reinvenção da natureza*. WMF Martins Fontes.
- Mezan, R. (2019). *O tronco e os ramos*. Blucher.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1971)

Berta Hoffmann Azevedo

Editora

bertaazevedo@hotmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n1.01